

M. PARISSY

Franz Kafka na Foz do Cochrão

É um espanto. Uma terra de poucos,
cada vez menos. Desmancho permanente.
Demasiado ar e pedras
com guelras abertas e sombras
que correm para o vale do Ocreza.
Tudo é espanto.

Ouve-se na voz de uma mulher
a linguagem com destino perfurado,
naufrágio numa geografia estranha.
Observa-se um homem de barba e óculos.
Sobe pelo asfalto vertiginoso, levando
embalagens de fiambre nas mãos,
à procura da morada certa.

A entrada para o refúgio faz-se
saltando o muro, com sebes que impulsionam
o assaltante, projectando-o contra o xisto.

Juntos num pátio
com vista para o deserto, ouvem folhas secas
da figueira que caem umas sobre as outras.

Um deserto suporta a casa
onde tudo se passa. A meio da encosta.

Abaixo disto ninguém se aproxima,
a não ser que haja um murmúrio qualquer
ou uma morte mais.

Numa das noites, um mocho
despertou o homem que vivia
com uma aranha dentro do quarto.
O mocho piava. Era uma tormenta
que vinha do fundo do caminho
aberto pelos bombeiros.
Um trilho de pedras soltas
no meio de pinheiros e zimbro.

No resto dos dias, uma silhueta
manteve-se frente ao espelho
iluminada na penugem da ponta das orelhas,
no cabelo que se cola à cabeça,
Um rosto de ossos, mãos esticadas
até que não se conseguissem ver.

-Poesia, Um Dia (2012-2017), 2016